

FRONTEIRAS CULTURAIS NO MEDITERRÂNEO ANTIGO: GREGOS E JUDEUS NOS PERÍODOS ARCAICO, CLÁSSICO E HELENÍSTICO

*André Leonardo Chevitarese**

RESUMO

As últimas três décadas do século XX viram surgir um conjunto de publicações interessadas nos contatos entre gregos e judeus em um período histórico que antecede as conquistas de Alexandre, o Grande. O objetivo deste artigo é estudar as interações culturais que envolveram gregos e judeus entre o sexto e o terceiro séculos a.e.c.¹

PALAVRAS-CHAVE: *Antigüidade Grega. Interação Cultural. Judaísmo.*

O título deste artigo é extremamente abrangente. Isto não é decorrência de uma sugestão de tema mal pensado ou mal elaborado. Ele é o resultado de três questões que estavam na minha cabeça no momento da sua proposição. As duas primeiras relacionavam-se aos períodos arcaico e clássico da história grega antiga, em particular entre meados do sexto e quarto séculos. De imediato,

* Professor Adjunto do Laboratório de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa). E-mail: andrechevitarese@yahoo.com.br.

¹ Todas as datas contidas neste artigo são antes da era comum (a.e.c.), salvo aquelas por mim especificadas.

estes períodos ainda carecem de pesquisas mais sistematizadas e aprofundadas sobre a região palestina. Como será observado ao longo deste artigo, esta carência diz respeito não apenas ao pouco diálogo entre os especialistas das antiguidades “oriental” e “ocidental”, como também à forte presença teológica na formação de, pelo menos, uma parte dos arqueólogos israelenses. Este último aspecto faz com que os períodos arcaico e clássico gregos – correspondentes à época de dominação persa na região palestina – não despertem grande interesse nos seus trabalhos de prospecção e de escavação arqueológicas. Estas duas primeiras questões foram responsáveis pela abrangência temporal denominada, no título deste artigo, como épocas arcaica e clássica. A terceira questão, associada à amplitude do tema, relaciona-se ao fato de o período helenístico (situado temporalmente entre a morte de Alexandre, em 323, e a de Cleópatra, em 30) ser extremamente rico em exemplos de interações culturais entre gregos e judeus.

No capítulo denominado “A Descoberta Helenística do Judaísmo”, Arnaldo Momigliano (1991, p. 71-72) aponta a existência não só de contatos comerciais, como, também, de contatos envolvendo mercenários gregos e palestinos desde o período micênico, passando pelas épocas arcaica e clássica. Este autor chega mesmo a se perguntar (1991, p. 73): o que os gregos e os judeus fizeram com essas diversas oportunidades para se encontrarem e se conhecerem? Do lado grego, Momigliano (1991, p. 73) responde: não foi registrada a existência dos judeus. Já do lado judeu, o autor (1991, p. 74-75) observa que, muito embora, os textos bíblicos mencionem Javã,² este parece ser um lugar bastante *remoto e insignificante* (a ênfase é minha). Pode-se concluir, com base nos dados oferecidos por Momigliano, que, antes do período helenístico, os contatos culturais que envolviam gregos e judeus foram esporádicos e superficiais. Esta visão continua ainda exercendo um forte impacto na produção historiográfica. Ela pode ser observada, a título de exemplificação, no livro de Hayes e Mandell (1998).³ Trata-se de uma obra que procura analisar os anos compreendidos entre 333 e 135 e.c. e que contém

² Entendido aqui como sendo aqueles que vivem na Jônia, isto é, os gregos. Ver: Gn 10:2-4; Ez 27:13-19; Joel 4:6; Is 66:19; Zac 9:13.

³ Para reforçar ainda mais esta exemplificação, deixando claro que ela aponta uma tendência historiográfica, ver dois importantes trabalhos relacionados aos contatos entre gregos e judeus: Hengel (1974) e Feldman (1993). O primeiro nada fala sobre a possibilidade de encontro entre estas duas culturas antes do advento de Alexandre, o Grande. O segundo (FELDMAN, 1993, p. 3-6) dedica apenas algumas poucas páginas iniciais, de um livro com quase setecentas páginas, para enfatizar a ausência de contatos culturais entre gregos e judeus antes de Alexandre, o Grande.

246 páginas, das quais apenas três (p. 19-21), em uma seção intitulada “A Influência Grega Pré-Alexandrina”, procuram cobrir um vasto período temporal que os autores provavelmente consideraram como sendo *remoto e insignificante*

Este tipo de análise histórica, apesar de lançar mão, mesmo que superficialmente, dos dados arqueológicos,⁴ utiliza-os apenas e tão-somente como argumentos para a sustentação de informações, advindas da documentação textual, que falam da existência de contatos comerciais esporádicos entre gregos e judeus naqueles períodos anteriores ao advento da época helenística. Deve ser ainda acrescentado, com relação à forma como os dados arqueológicos aparecem no interior desses discursos, pelo menos para um leitor não muito familiarizado com informações advindas da Arqueologia, que as informações provêm de relatórios finais e não de dados parciais, e muitas vezes esporádicos, de escavações cobrindo o período de dominação persa na Palestina.

Verificar, portanto, o estágio dos trabalhos arqueológicos envolvendo os contatos entre gregos e judeus, em épocas anteriores ao advento do período helenístico, será de grande valia e interesse para os objetivos deste artigo. O eixo central da análise girará em torno de trabalhos publicados nas últimas três décadas: um de Jacques Perrault (1986) e dois de Jane Waldbaum (1994 e 1997).

A pesquisa desenvolvida por Perrault cobre diferentes áreas geográficas, tais como Síria do Norte, Fenícia, Palestina e regiões periféricas (Egito e Chipre). Perrault (1986, p. 145) observa a ausência de estudos estatísticos e tipológicos sobre as importações da cerâmica ateniense para as áreas apontadas acima e busca, com seu trabalho, fornecer este tipo de informações. Interessam aqui as conclusões parciais (em razão da precariedade dos dados) que o autor esboça acerca da Palestina. Estas conclusões podem ser organizadas a partir de dois pontos:

1. Existe pouca cerâmica grega anterior ao último terço do século sexto. Com relação especificamente ao material ático, há muito pouco fragmento que possa ser datado antes de 525 (PERRAULT, 1986, p. 159).

2. O caráter geralmente sumário dos relatórios preliminares de escavação e a raridade das publicações definitivas não permitem estabelecer

⁴ Momigliano (1991, p. 72) utiliza tais dados ao informar, por exemplo, a presença de cerâmica e de construções gregas, desde o sétimo século, em território palestino.

uma cronologia absoluta e precisa das importações áticas nos séculos sexto e quinto, nem projetar alguma luz nas variações de intensidade das trocas (PERRAULT, 1986, p. 161-162).

É possível estabelecer, como ressalta Perrault (1986, p. 162), algumas observações acerca deste último ponto: a) a cerâmica grega está presente nas regiões costeiras e interioranas da Palestina. Como em épocas anteriores, ela continua mais freqüente nas regiões costeiras, próximas aos grandes portos, nas capitais provinciais e muito especialmente na Samaria (possivelmente associada com o corredor comercial entre a Síria, a Fenícia e o Egito); b) a presença de cerâmica ática na Palestina é atestada a partir de 530. Foi no quinto século, contudo, que se deu o seu grande desenvolvimento na região; c) as oferendas funerárias gregas na Palestina não estão associadas aos gregos, como se pensava até então, mas aos fenícios; d) os vasos áticos mais apreciados são os de beber (taças, cotiles e *skýphoi*) e as crateras. Há, no entanto, uma grande quantidade de léцитos.

Com relação à cerâmica, os dados coletados por Stern (1982, p. 138) sobre a cerâmica ática de figuras negras e vermelhas, apesar de já estarem defasados, como será visto posteriormente, são significativos:

Tabela 1 - Vasos Áticos de Figuras Negras na Palestina

Léцитos	43
Taças	13
<i>Skýphoi</i>	7
<i>Kýlikes</i>	6
Crateras	3
Ânfora	1
Total	73

Tabela 2 - Vasos Áticos de Figuras Vermelhas na Palestina

Crateras	26
Léцитos	14
Formas (de vasos) não identificadas	10
<i>Skýphoi</i>	7
Ânfora	5
Taças	4
Cântaros	4
<i>Pýxis</i>	1
<i>Rhýthon</i>	1
Total	62

Quase uma década depois da publicação do trabalho de Perrault, a arqueóloga Jane Waldbaum publicou dois importantes estudos. Eles serão analisados separadamente, na medida em que apresentam questões que merecem ser destacadas.

O primeiro trabalho, publicado em 1994, aponta para o fato de os especialistas em estudos clássicos não irem além da ilha de Chipre nos seus estudos acerca das conexões orientais (WALDBAUM, 1994, p. 53). Estas pesquisas chegam, no máximo, até o que os especialistas chamaram de influência orientalizante na cultura grega, via importações orientais, basicamente de mercadorias de luxo. Em contrapartida, os especialistas em arqueologia sírio-palestina tratam os vestígios materiais clássicos identificados em seus sítios (quase exclusivamente material cerâmico) de maneira muito superficial (WALDBAUM, 1994, p. 53). Estes arqueólogos estão muito mais interessados em estabelecer seqüências e conexões cronológicas com a história do próprio Oriente, no geral, e com a sua própria história, no particular, como se a história do outro, neste caso, a história da presença e influência gregas na região, não lhes dissesse respeito. Muito embora a falta de diálogo predomine entre estes dois tipos de especialistas, Waldbaum (1994, p. 54) observa algumas exceções com relação aos sítios arqueológicos escavados no “Oriente”: Al Mina, onde a cerâmica grega foi datada desde os séculos IX e VIII; Tell Sukas, onde a cerâmica grega foi identificada a partir do século VIII; Naukratis, no delta sul do Nilo, onde a presença da cerâmica grega foi atestada desde os séculos VII e VI; Tiro, capital da Fenícia, onde a cerâmica grega foi datada desde o século X. Por existirem abundantes achados da cultura material grega (cerâmica), há um consenso entre os especialistas sobre a presença de assentamentos gregos nestes sítios desde tempos muito remotos.

Infelizmente, porém, há uma quase ausência de estudos sistematizados, como aqueles apontados nas quatro regiões acima, envolvendo as relações entre a Grécia e o Levante Sul, área onde está situada a Palestina. Esta quase ausência, Waldbaum (1994, p. 54) observa, deve ser vista como uma tentativa (consciente ou não) da historiografia em ignorar o problema. Existem, no entanto, dois trabalhos que buscaram caminhar na direção da sistematização de resultados sobre os contatos entre gregos e judeus no período anterior à presença de Alexandre na região: o primeiro é o de Stern (1982), já mencionado.

Este autor identificou 57 sítios com fragmentos de cerâmica grega pré-helenística nas regiões da Iduméia, Judéia, Samaria e Galiléia. O segundo trabalho é o de Wenning (1991). Ele identificou 110 sítios com cerca de 4.000 fragmentos de cerâmica grega pré-helenística. Uma média de 40 fragmentos de cerâmica por sítio. Como Waldbaum (1994, p. 54) observou corretamente, em um sítio propriamente grego, a produção de material cerâmico pode alcançar centenas de milhares de fragmentos.

Neste seu artigo, Waldbaum (1994, p. 60-61) esboçou algumas conclusões que podem ser resumidas em quatro tópicos:

1. Os achados de cerâmica grega pré-helenística são poucos, embora estejam crescendo em número, de alguma forma, com as novas escavações.

2. A extensão das formas é limitada (basicamente taças e crateras; mais tarde, no sétimo século, frascos de perfume de Corinto, bem como uma variedade de taças, crateras, pratos, *oinóchoi*, lamparinas, vasos de cozinha e ânforas de transporte).

3. A cerâmica grega está presente nos sítios costeiros e do interior. No fim do sétimo século, a cerâmica grega estava crescendo em popularidade e os mecanismos para a sua aquisição estavam se tornando mais estabelecidos.

4. Não é possível afirmar, até o momento, pelos dados disponíveis, a existência de um comércio direto entre o Levante Sul e a Grécia.

Em um segundo trabalho, publicado em 1997, Waldbaum (1997, p. 5) constata que os achados gregos reportados, embora em avultado número, estão ainda incompletos na recente historiografia. Esta constatação pode estar relacionada ao fato de que nem todo o material grego tem sido publicado e que uma parte significativamente alta deste material ainda continua inacessível para o estudo. Um bom exemplo diz respeito ao fato de as importações de cerâmica grega, na Palestina, estarem distribuídas entre um grande número de sítios. Conforme observa Waldbaum (1997, p. 5), no entanto, a história da maioria destes sítios é vista em um contexto bíblico, muito mais do que helênico. Verifica-se uma forte tendência na historiografia em não reconhecer que os habitantes desses sítios, onde o material cerâmico grego é considerável, sejam colonos verdadeiramente gregos. A única exceção é Mesad Hashavyahu, muito embora ele seja desconhecido das fontes bíblicas e dos demais textos antigos. A autora constata (1997, p. 8) a raridade de inscrições na cerâmica grega encontrada na Palestina, muito embora inscrições gregas e semíticas estejam

presentes. Com relação aos outros objetos da cultura material grega, constata-se a inexistência de qualquer estrutura construída em estilo grego na Palestina antes do período helenístico (WALDBAUM, 1997, p. 10). Acrescente-se o fato de nenhuma tumba grega ter sido achada, até o momento, na Síria ou mesmo na Palestina. A propósito, o cemitério de Tel Michal, pelas características apresentadas no período persa, possibilita o estabelecimento de pelo menos uma importante conclusão: ele apresenta cento e onze sepulturas, das quais nenhuma tem material cerâmico grego (WALDBAUM, 1997, p. 11). Além disso, nem as tumbas, nem seus conteúdos fornecem qualquer evidência conclusiva da prática ou da presença grega na região, embora as possibilidades permaneçam abertas, já que se trata de um único caso analisado. Por isso, a autora pôde concluir: não há, até o momento, qualquer evidência de um completo contexto cultural grego em qualquer sítio, tanto na Síria quanto na Palestina (WALDBAUM, 1997, p. 12).

Diante do quadro apresentado acima por Jacques Perrault e Jane Waldbaum, algumas questões podem ser apresentadas: a) deve ser vista com cautela a posição assumida por Momigliano de que os gregos são conhecidos pelos judeus, mas parecem, aos olhos destes últimos, remotos e insignificantes. Não apenas as referências em textos bíblicos sugerem o conhecimento e quiçá a presença de gregos na região da Palestina, como, também, a existência de material cerâmico grego, mesmo que em pequeno número e comercializado por agentes não gregos (tais como, por exemplo, fenícios), atesta a presença da cultura grega, de forma disseminada na região, desde os tempos mais remotos. Neste caso, os produtos gregos encontrados em contexto palestino podem ser vistos como o indício dos contatos entre gregos e judeus desde épocas remotas; b) como observaram Hayes e Mandell (1998, p. 21), não foi Alexandre, o Grande, quem introduziu a cultura grega na Palestina, mas, ao contrário, ele a encontrou lá. No entanto, convém salientar que a cultura helenística foi decididamente diferente das várias formas culturais gregas que a precederam; c) deve-se relativizar o que Waldbaum (1997, p. 12) chamou de ausência de qualquer tipo de evidência para um completo contexto cultural grego na Síria e na Palestina.

Esta última questão remete a discussão para além da História e da Arqueologia, na medida em que demanda análises desenvolvidas no campo antropológico. Este campo oferece definições interessantes acerca do conceito

de cultura, as quais serão buscadas em Marshall Sahlins, particularmente no seu livro **Ilhas de História**. A fim de não tornar este artigo fatigante, apenas alguns pontos estabelecidos por este autor serão considerados.

1. Constata-se, de imediato, um importante argumento: cultura é historicamente reproduzida na ação (SAHLINS, 1991, p. 7). Neste sentido, ela é alterada historicamente na ação. Essas alterações podem produzir uma “transformação estrutural”, pois a alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre categorias culturais, havendo assim uma “mudança sistêmica” (SAHLINS, 1991, p. 7). Pode-se concluir, como resultado desta primeira definição, que as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural.

2. Sahlins (1991, p. 8) estabelece um importante argumento que, para efeito argumentativo, será subdividido em três partes: a) parece existir uma confusão entre sistema aberto e a total ausência de sistema; b) o sistema é, no tempo, a síntese da reprodução e da variação; c) a transformação de uma (dada) cultura também é um modo da sua reprodução. É possível estabelecer, do seu argumento, algumas importantes conclusões: as chamadas sociedades “primitivas” jamais foram tão isoladas quanto a Antropologia gostaria de acreditar, pelo menos em seus primórdios (SAHLINS, 1991, p. 9); cultura é justamente a organização da situação atual em termos do passado (1991, p. 192); cultura funciona como síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente, de diacronia e sincronia (1991, p. 180).

Com base nos argumentos apresentados, pode-se retornar à consideração anteriormente feita por Waldbaum (1997, p. 12) acerca de “uma total ausência de evidência para um completo contexto cultural grego na Síria e na Palestina”. De fato, fica muito difícil argumentar, à luz da documentação histórica e arqueológica disponível, que os contatos gregos pré-helenísticos com a região Palestina tenham produzido um completo contexto cultural entre estas duas sociedades. O que se questiona, no entanto, é o argumento extremamente radical que Waldbaum parece utilizar quando aplica o termo “ausência”. O que a autora chama de ausência completa pode ser lido, quando se aplicam os resultados obtidos por Sahlins, como contatos culturais preliminares entre gregos e judeus, os quais produziram transformações, a princípio superficiais, mas que, ao se reproduzirem, fizeram com que a cultura judaica se modificasse em função de novos valores fornecidos por uma

pequena parte da tradição cultural grega.

De fato, Hayes e Mandell estavam certos quando afirmaram que não foi Alexandre quem introduziu a cultura grega na Palestina, mas que ele a encontrou lá. Com o aprofundamento das interações culturais entre gregos e judeus no período helenístico, fica cada vez mais evidente a validade dos argumentos trabalhados por Sahlins, principalmente aquele segundo o qual a cultura é alterada historicamente na ação e que este tipo de alteração produz transformações culturais, havendo assim uma verdadeira mudança sistêmica.

Este argumento pode ser bem demonstrado durante as tensões geradas na comunidade judaica com Antíoco IV Epífanes (175-164), as quais desembocaram nas revoltas macabéias. O nosso enfoque, para efeito de demonstração do argumento de Marshall Sahlins, será dado em um acontecimento específico, localizado provavelmente no início do governo do soberano selêucida. Ele diz respeito às mudanças que foram realizadas pelo sumo sacerdote Joshua – ou Jasão (2Mac 4:7-10), como ele próprio queria ser chamado. Constata-se, de imediato, um violento estado de tensão na sociedade judaica, dividida em facções pró-selêucidas e pró-ptolomaicas (HAYES; MANDELL, 1998, p. 47-48). Estes choques ocorrem entre famílias dominantes e poderosas judaicas (os Tobiades, os Oniades, os Simônides e os Hasmoneus), que buscavam alcançar liderança e autoridade sobre a comunidade. Atingir estes dois objetivos, por parte de uma dessas famílias, significava controlar o tesouro do Templo, a coleta de impostos, além de garantir privilégios e ganhos palpáveis da sociedade tanto interna quanto externamente. É no interior deste quadro de violenta tensão que está situada a associação entre Antíoco IV Epífanes e Jasão. A documentação textual antiga priorizou enfatizar mais as ações do soberano selêucida do que propriamente a do sumo sacerdote. É possível verificar, no entanto, não apenas as mudanças que foram propostas por Jasão em Jerusalém, como também o próprio comportamento que a comunidade judaica assumiu diante das alterações propostas. Cinco autores mencionam os acontecimentos relativos a Antíoco e a Jasão. Serão considerados os pontos centrais dos seus argumentos envolvendo os dois personagens citados (seguiremos de perto as análises propostas por Hayes e Mandell).

O primeiro deles é Daniel (11:20-39).⁵ Utilizando uma linguagem

⁵ Ver Chevitarese (2003).

criptográfica com coloração apocalíptica, o seu livro contém um esboço dos principais eventos. Daniel aponta, a partir de quatro linhas gerais, as ações de Antíoco IV Epífanes: o soberano selêucida é apresentado tanto como um animal terrível, com dentes de ferro e garras de bronze (Dn 7:19), portando dez chifres na cabeça (Dn 7:20), quanto um miserável (Dn 11:21), que traz no coração más intenções contra a aliança sagrada (Dn 11:28, 11:30), agindo de acordo com aqueles que abandonaram a referida aliança (Dn 11:30, 11:32), profanando o Templo, abolindo o sacrifício perpétuo e introduzindo no Santuário a abominação da desolação (Baal Shamin) (Dn 7:25, 11:31).

O segundo autor está relacionado com o Primeiro Livro de Macabeus (1Mac 1:10-62). Esta obra apresenta a história das lutas macabéias. Tal narrativa não apresenta nenhuma exposição detalhada dos eventos anteriores ao surgimento dos hasmoneus. Verificam-se, porém, alguns importantes elementos envolvendo Antíoco IV Epífanes e Jasão. De imediato, o rei é apresentado como rebento ímpio (1Mac 1:10). O autor observa, contudo, que Israel vê surgir entre os seus membros uma geração de perversos que aceitaram fazer uma aliança com Antíoco (1Mac 1:11-12, 1:52). A partir deste momento, muitos passaram a observar os preceitos dos gentios, através da construção do *gymnasion*, da abolição da prática da circuncisão e do abandono dos compromissos com a sagrada aliança (1Mac 1:13-14, 1:43-46, 1:48). Deste modo, Antíoco IV se julga em condições de profanar o Santuário – apoderando-se de inúmeros objetos de culto, destruindo os livros sagrados (1Mac 1:56-57), construindo altares, recintos e oratórios para os deuses –, de transformar a cidade de Davi em uma cidadela (1Mac 1:33-35) e de impor a todos os habitantes de Jerusalém (ou da Judéia?) sacrifícios de porcos e de outros animais impuros (1Mac 1:21-24, 1:37, 1:47, 1:54-55, 1:59). O autor não nomeado de O Primeiro Livro de Macabeus amargamente constata: Jerusalém havia se transformado em habitação para estrangeiro (1Mac 1:38).

O terceiro autor está diretamente associado com a obra denominada de O Segundo Livro de Macabeus. Como ele próprio diz (o seu nome não é conhecido), o seu livro contém um sumário dos cinco livros escritos por um outro autor desconhecido, cujo nome é Jasão de Cirene (2Mac 2:19-32). Sem sombra de dúvida, O Segundo Livro de Macabeus é aquele que oferece o maior número de informações sobre os acontecimentos que envolveram Antíoco IV e Jasão em Jerusalém. O autor informa que Jasão, irmão de

Onías III, que também havia sido sumo sacerdote (2Mac 3:1, 15:12), ofereceu a Antíoco 360 talentos de prata e mais outros oitenta talentos para obter o cargo de sumo sacerdote. Além disso, Jasão pede autorização ao rei, e este lhe concede, para construção de um *gymnasion*, de um *ephebeion* e para transformar Jerusalém em uma *pólis*, de tipo helenístico, possivelmente “Jerusalém de Antioquia”, com a organização de lista de cidadãos. Neste último caso, o sumo sacerdote daria ao soberano mais cento e cinquenta talentos (2Mac 4:9). Com a anuência do rei, Jasão começa o seu programa de reformas, impondo em Jerusalém, já na condição de sumo sacerdote, o estilo de vida dos gregos (2Mac 4:10, 4:12). Como o próprio autor observa, verifica-se não só um grande ardor pelo helenismo e pela difusão dos costumes estrangeiros (2Mac 4:13), como também a falta de interesse pelos sacerdotes na realização das liturgias do altar (2Mac 4:14-15). Jasão é tratado pelo autor como um pervertido e um ímpio, de modo algum sendo visto como um sumo sacerdote (2Mac 4:13), mas como apóstata da Lei (2Mac 5:8). Com relação a Antíoco IV Epífanes, o autor constata, antes das ações violentas tomadas por este soberano contra a população e o Templo na Judéia, que ele foi aclamado na sua visita a Jerusalém (2Mac 4:22). A seguir, a narrativa retoma os acontecimentos apontados anteriormente pelos dois primeiros autores, acrescentando novos fatos, quais sejam: Antíoco profana o Templo (2Mac 5:15-16), com a instalação de cultos pagãos no seu interior (2Mac 6:1). Este Templo foi dedicado a Júpiter Olímpico, enquanto que aquele localizado no monte Garizim foi dedicado a Júpiter Hospitaleiro (2Mac 6:2). Já não se podia mais celebrar o sábado, nem guardar as festas dos antepassados, nem se confessar judeu (2Mac 6:6), nem realizar a circuncisão (2Mac 6:10). Por imposição do soberano, agora era o tempo das festas dionísias, com a participação (forçada) dos judeus (2Mac 6:7).

O quarto autor que narra os episódios envolvendo Antíoco IV e Jasão é Josefo. Constata-se que a sua narrativa está pesadamente dependente do Primeiro Livro de Macabeus, muito embora Josefo se mostre lacônico diante dos acontecimentos sobre os dois personagens históricos. Os dados, embora dispersos, estão presentes nos livros A Guerra dos Judeus contra os Romanos, Antiguidades Judaicas e Contra Ápion. Jasão aparece como sumo sacerdote (Antiguidades Judaicas, 12:239), apesar de Josefo parecer sugerir que a iniciativa de estabelecer uma *pólis* em Jerusalém seja do substituto de Jasão no sumo

sacerdócio, Menelau, e dos Tobiádes, já que são eles que procuram Antíoco IV com esta proposta (Antiguidades Judaicas, 12:240-241). Com a aprovação de Antíoco IV, Jerusalém foi transformada em pólis, passando a comportar um *gymnasion*, um *ephebeion* e um corpo cívico (Antiguidades Judaicas, 12:240-241). Em razão das disputas entre as facções das famílias judaicas, Antíoco captura Jerusalém, pilhando o Templo e interrompendo os sacrifícios (Guerra dos Judeus, 1:32, 5:394, 6:436; Contra Ápion, 2:80, 2:83). Ele obriga os judeus a acabarem com a prática da circuncisão e exige que eles participem dos sacrifícios dos cultos aos deuses pagãos (Guerra dos Judeus, 1:34).

Tácito (Histórias, 5:8) é o último autor mencionado. Ele fala simplesmente que Antíoco IV buscou suprimir a superstição e dar aos judeus costumes helênicos.

Diante do longo e fatigante levantamento feito em torno da documentação textual antiga, quatro pontos básicos podem ser estabelecidos (HENGEL, 1974, p. 277-283; HAYES; MANDELL, 1998, p. 3-54): a) as iniciativas para a transformação de Jerusalém em *pólis* partiram da própria comunidade judaica; b) nenhuma referência é feita na documentação que venha sugerir ou indicar uma oposição às ações de Jasão (salvo, talvez, 2Mac 4:18-20); c) nenhum dos cinco textos antigos acusa Jasão de alterar o culto a Javé praticado no Templo de Jerusalém ou de ter proibido as práticas normais do judaísmo; d) quando da visita de Antíoco IV a Jerusalém, mesmo diante de textos violentamente contrários a ele, não há nenhuma ação contrária nesta cidade ao rei ou a Jasão.⁶

Esses quatro pontos reforçam não só a viabilidade de aplicação dos conceitos de Marshall Sahlins, como, também, deixam transparecer a necessidade de cautela naquilo que Waldbaum (1997, p. 12) chamou de “ausência de qualquer tipo de evidência para um completo contexto cultural grego na Síria e Palestina”. Pareceria melhor pensar nos contatos entre a cultura politeísta grega e a “monoteísta” judaica, desde épocas anteriores ao advento do período helenístico, por mais superficiais que eles possam parecer, como síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente, de diacronia e sincronia.

De qualquer forma, os pontos levantados ao longo deste artigo não

⁶ Scurlock (2000) observou, recentemente, que o objetivo de Antíoco IV era restabelecer a adoração de Yahweh à sua forma original, antes da reforma de Ezequias (2Rs 18:4). Talvez possa ser admitida aqui a possibilidade de a reforma levada a cabo pelo soberano selêucida ter um apoio mais amplo do que aquele normalmente admitido, qual seja: a elite urbana helenizada.

chegam a se constituir em uma novidade, na medida em que os especialistas não negam a presença da cultura grega na Palestina, muito embora a sua quase totalidade só venha reconhecê-la a partir de Alexandre, o Grande. Como observou recentemente Levine (1998, p. 28), o desafio está em formular distinções mais marcantes, determinando quanto, em quais áreas e em que direção estas mudanças provocadas pelos contatos culturais entre gregos e judeus ocorreram. Somente com um deslocamento do campo das generalizações para a identificação de tais distinções poder-se-á compreender melhor todo este processo histórico.

CULTURAL FRONTIERS IN ANCIENT MEDITERRANEAN: GREEKS AND JEWS IN THE ARCHAIC, CLASSICAL AND HELLENISTIC PERIODS

ABSTRACT

The last three decades of the twentieth century have made possible the upcoming of books and articles which analyze the contacts between Greeks and Jews in a period of time before the conquests of Alexander, the Great. The aim of this article is to study the cultural interactions involving Greeks and Jews between the sixth and the third century B.C.

KEY-WORDS: *Ancient Greek. Cultural Interaction. Judaism.*

FONTES

A Bíblia de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

JOSÈPHE. **Guerre des Juifs.** Livre I. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

JOSÈPHE. **Guerre des Juifs.** Livre II-III. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

JOSEPHUS. **The Jewish War.** Books IV-VII. 6. ed. London: Harvard University Press (Loeb), 1990.

JOSEPHUS. **Against Apion.** 6. ed. London: Harvard University Press (Loeb), 1993.

JOSEPHUS. **Jewish Antiquities.** 6. ed. London: Harvard University Press (Loeb), 1990.

TACITUS. **Histories.** London: Harvard University Press (Loeb), 1990.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVITARESE, A. L. Reflexões em torno de Daniel 9:1-19. In: _____; CORNELLI, G. **Judaísmo, Cristianismo, Helenismo**. Ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo. Itu: Ottoni, 2003. p. 18-26.

FELDMAN, L. H. **Jew & Gentile in the Ancient World**. Attitudes and Interactions from Alexander to Justinian. New Jersey: Princeton University Press, 1993.

HAYES, J.; MANDELL, S. **The Jewish People in Classical Antiquity**. Kentucky: Westminster John Knox, 1998.

HENGEL, M. **Judaism and Hellenism**. Studies in their Encounter in Palestine during the Early Hellenistic Period. London: SCM Press, 1974. 2 v.

LEVINE, L. I. **Judaism & Hellenism in Antiquity. Conflict or Confluence?** Seattle: University of Washington Press, 1998.

MOMIGLIANO, A. **Os limites da helenização**. Interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

PERRAULT, J. Céramique et Échanges: Les Importations Attiques au Proche-Orient du VI au milieu du V siècle avant J.-C. Les Données Archéologiques. **Bulletin de Correspondance Hellénique**, 110, p. 145-175, 1986.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

SCURLOCK, J. 167 BCE: Hellenism or Reform? **Journal for the Study of Judaism in the Persian, Hellenistic and Roman Period**, 31, 2, p. 125-161, 2000.

STERN, E. **Material Culture of the Land of the Bible in the Persian Period 538-322 B.C.** Warminster: Aris & Phillips, 1982.

WALDBAUM, J. Early Greek Contacts with the Southern Levant, ca. 1000-600 B.C.: The Eastern Perspective. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, 293, p. 53-66, 1994.

_____. Greek in the East or Greek and the East? Problems in the Definition and Recognition of Presence. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, 305, p. 1-17, 1997.

WENNING, R. Nachrichten Uber Griechen in Palastina in der Eisenzeit. In: FOSSEY, J. M. (Ed.). **Proceedings of the First International Congress on the Hellenic Diaspora from Antiquity to Modern Times**. v. 1. Amsterdam: Gieben, 1991. p. 207-219.